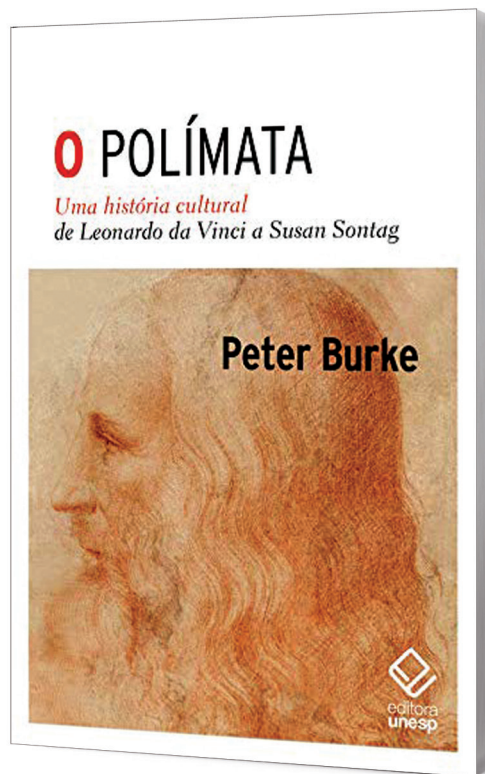


livros



*O polímata e a história
da erudição: Peter Burke sob
o signo da tradução cultural*

Carlota Boto

*O polímata: uma história cultural – de Leonardo da Vinci
a Susan Sontag, de Peter Burke, São Paulo, Editora Unesp, 2020, 512 p.*

Na entrevista que concedeu em 1999 à professora Maria Lúcia, sua esposa, Peter Burke destacava que interpretações errôneas sobre seu trabalho em resenhas o desconcertam, dado que costumam atribuir a ele ideias e visões de mundo que ele não perfilha. Ora, com essa advertência, a minha tarefa ganha uma responsabilidade maior. Desde que li o livro *O polímata: uma história cultural – de Leonardo da Vinci a Susan Sontag*, tive o desejo de resenhá-lo; e é o que eu pretendo fazer aqui. Peço desculpas a Peter Burke se eu não conseguir (a despeito de me esforçar para isso) ser fiel na interpretação e na tradução simbólica de sua obra. O que me chamou a atenção no livro, desde logo, foi seu caráter pedagógico. A amplitude da temática, bem como a originalidade da abordagem, é acompanhada por um rigoroso sentido analítico que perpassa vários campos do

saber, tangenciando, sob tal perspectiva, também a matéria da educação.

Historiador da cultura, Peter Burke – como observa Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke – sempre procurou fazer conexões entre inúmeros campos do conhecimento, construindo pontes entre épocas e assuntos. A experiência da diversidade cultural teria marcado sua trajetória, posto que, “com pai católico irlandês e mãe judia de origem polonesa e lituana, sua família unia tradições culturais muito diferentes”¹. Tendo estudado em um colégio jesuítico de Londres, Peter Burke cursou a Universidade de Oxford. Re-

1 Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, *As muitas faces da história: nove entrevistas*, São Paulo, Editora Unesp, 2000, p. 186.

CARLOTA BOTO é professora titular da Faculdade de Educação da USP, bolsista produtividade do CNPq e autora de, entre outros, *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa* (Editora Unesp).

cém-formado em História, ele foi convidado a lecionar na Universidade de Sussex, onde teve uma experiência bastante significativa por quase 20 anos, quando então ingressou na Universidade de Cambridge, onde permanece até hoje. A Universidade de Sussex – conforme observa Soares Junior² – tinha uma proposta interdisciplinar, já que havia ali seminários que eram pensados para integrar as formações em História, em Sociologia, em Literatura, etc. Não era comum, naquele início dos anos 60, lidar com um mapa do conhecimento que desafiasse as convenções, mas o projeto inovador de Sussex previa isso. Leitor de inúmeras línguas desde muito jovem, Peter Burke construirá toda sua obra à luz das noções de hibridismo cultural e de tradução cultural. O hibridismo cultural pressupõe a correlação entre os vários campos do saber – a antropologia, a sociologia, a história social e a história das ideias, por exemplo. Burke aponta que, ao longo de sua carreira, misturou coquetéis teóricos³. A tradução cultural, por sua vez, prevê a possibilidade de se lidar com uma miríade de culturas, que possam vir a conversar entre si, mediante a interpretação que se vier a fazer delas.

O polímata é, já à partida, um livro singular. É diferente pelo título sugestivo e intrigante. É original pela abordagem. É denso no conteúdo. É fluente na sua bela escrita. No ano passado, 2020, Peter Burke lançou esse livro simultaneamente na Inglaterra e

na tradução em língua portuguesa cuidadosamente efetuada pela Editora Unesp. Logo no princípio, ele define o polímata como alguém que se interessa por muitos assuntos e que aprende muitos assuntos. O livro se propõe a abordar, nesse sentido, a erudição no campo acadêmico: “e falar de estudiosos [*scholars*] com interesses que eram ‘enciclopédicos’ no sentido original de percorrer todo o ‘curso’ ou ‘currículo’ intelectual ou, de alguma maneira, determinado segmento importante desse círculo” (p. 20). No livro, o que Peter Burke apresenta é o que ele chama de uma “prosopografia dos sábios”, ou seja, uma biografia coletiva, que inclui um conjunto extremamente vasto – 500 pessoas – de eruditos de diferentes quadrantes, tempos e origens, homens e mulheres, que poderiam ser classificados nessa categoria de polímatas. Ainda no começo do livro, Burke assinala sua preocupação com a sobrevivência dos polímatas em uma cultura marcada pela crescente especialização.

De certa maneira, abordar o presente tema requer que se pense também nas representações coletivas existentes acerca do próprio lugar público desse tipo de intelectual. Isso abarcaria pressupostos implícitos, sistemas de crenças e compreensão do senso comum de uma cultura específica. Afinal, só se poderá ver o sujeito diferenciado a partir do que se acredita ser a normalidade, do ponto de vista cultural. A propósito – como dirá o próprio Peter Burke em outro livro, este sobre história e teoria social –, a própria acepção de cultura passou a ter um significado ampliado, compreendendo, além das manifestações eruditas, toda uma gama de “atitudes e valores de pessoas comuns e suas formas de expressão na arte e no cancionário populares, nas histórias folclóricas, nos

2 Peter Burke, *um historiador da cultura e da sociedade: as muitas faces de um intelectual polímata*, dissertação de mestrado, São Paulo, PUC/SP, 2016, p. 29.

3 Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, op. cit, p. 209.

festivais etc.”⁴. Tal como veio a ser definido por cientistas políticos e por historiadores desde meados do século passado, a ideia de cultura “engloba a socialização política, isto é, os meios pelos quais o conhecimento, as ideias e os sentimentos são transmitidos de uma geração para outra”⁵. Sob tal perspectiva, o termo “cultura” abarcaria modelos historicamente veiculados, símbolos e signos, mediante os quais as pessoas se comunicam, aprendem e se dispõem diante da vida. Isso posto, Peter Burke em *O polímata* vai exatamente tentar mostrar como se comportam as pessoas que estão fora da curva relativamente ao padrão comum de conhecimento. Como tais pessoas aprendem, como elas lidam com o aprendizado e mobilizam seus saberes nas lidas cotidianas; enfim, como elas transmitem esse repertório apreendido às outras pessoas.

Para estudar os polímatas, Peter Burke tem de lidar com a ideia de fronteiras culturais, quer como travas, quer como zonas de contato que podem aproximar diferentes estilos, diferentes épocas, diferentes pertencas nacionais ou mesmo geográficas. Burke – sobre essa temática – já advertia em seu livro acerca da história cultural: “[...] muros e arame farpado não podem impedir o trânsito de ideias, mas daí não decorre que inexistam barreiras culturais”⁶. Mesmo assim, existem encontros e, sobretudo, traduções de uma cultura para outra. Entrecruzando fontes e personagens, *O polímata*, de alguma maneira, recupera a dimensão

da narrativa na história. No livro, Peter Burke conta as histórias e as trajetórias dos sujeitos de sua pesquisa: “Tais narrativas culturais, como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas”⁷. Além disso, registra ainda o historiador, “narrativas complexas, expressando uma multiplicidade de pontos de vista, são uma maneira de tornar inteligíveis os conflitos, bem como de resistência à tendência à fragmentação”⁸.

Ao iniciar seu instigante relato com os polímatas da Antiguidade, Peter Burke aborda os gregos e os romanos. Enfatiza o tratado sobre a retórica de Quintiliano, o qual destacava que o orador deveria conhecer todos os assuntos. Não se detendo no mundo ocidental, Burke passa pelos estudiosos chineses, sublinhando a cultura geral que era ministrada na educação dos futuros administradores e funcionários públicos. Depois, comenta o declínio da erudição na Alta Idade Média, a despeito da guarda dos acervos de livros e documentos nos mosteiros. Sendo assim, “à medida que os estudiosos desse período juntaram os fragmentos dos antigos saberes gregos e romanos, eles também os classificaram, tanto no currículo das escolas anexas às catedrais quanto nas enciclopédias” (p. 44). No tocante à Baixa Idade Média, Peter Burke indica a inovação que teriam representado as universidades, entre o final do século XI e o século XIII. Era como se, no mundo antigo e na Idade Média, os polímatas fossem sujeitos coletivos, que mobilizavam o conhecimento, sobretudo, com a finalidade de guardá-lo.

4 Peter Burke, *História e teoria social*, São Paulo, Editora Unesp, 2002, p. 165.

5 Idem, *ibidem*, p. 111.

6 Idem, *ibidem*, p. 153.

7 Idem, *ibidem*, p. 158.

8 Idem, *ibidem*, p. 160.

O Renascimento traz novas cores à história dos polímatas. Às sete artes liberais seriam agregadas as Humanidades, que envolviam, além da gramática e da retórica, poesia, história e ética. Como sublinha Peter Burke, “o ideal de polivalência ou do ‘homem universal’ foi promovido no próprio Renascimento” (p. 57). O projeto da época constituía-se no saber universal que os gregos haviam chamado de *encyclopaedia* – círculo do conhecimento. A ambição do período seria o domínio simultâneo de várias disciplinas. Aí temos figuras como Vittorino da Feltre, Leon Battista Alberti, Pico della Mirandola e, como não poderia deixar de ser, Leonardo da Vinci; todos eles projetando no horizonte o desejo de universalidade, ou aquilo que Pico qualificava como homem polivalente – pessoas especialistas em qualquer campo do conhecimento. Leonardo da Vinci, com certeza, é o exemplo mais clássico do sujeito que envereda por todos os ramos do saber humano, a despeito de algum nível de aparente dispersão de interesses. É como se o polímata deslizesse com ligeireza de um território a outro, nem sempre fixando aqui ou ali sua morada.

Passando para o século XVII, Peter Burke anota alguns registros de indivíduos que ele chamará de “monstros de erudição”, como Bayle, Leibnitz e Comenius. A busca por um conhecimento universal tinha aqui a característica de ser paralela à tentativa de encontrar uma harmonia universal. Era a época dos *virtuosi*, os quais, “assim como os ‘antiquários’ mais especializados, às vezes, eram criticados por perder o verdadeiro conhecimento devido à sua paixão pelos detalhes” (p. 134).

O século XVIII constituiu a era do polímata coletivo, se é que é possível dizer isso.

A proliferação de periódicos culturais, dentre os quais o *Spectator*, de 1711, e a *Encyclopédie*, de 1751, trouxe a possibilidade de conhecimentos trançados que se tornaram disponíveis ao leitor comum. Além disso, os eruditos tornavam-se, cada vez mais, intelectuais públicos, caracterizados não apenas pela variedade de seus interesses e atividades, mas também pela sua preocupação com o cenário social e político. Assim podem ser considerados Voltaire, Diderot, D’Alembert, Condorcet e tantos outros. Peter Burke aqui fala das mulheres, compara o Iluminismo francês com o escocês, com o inglês, com o espanhol e com o russo, até chegar finalmente às Américas. Comenta sobre dois polímatas importantes que, nos Estados Unidos, se dedicariam à política: Benjamin Franklin e Thomaz Jefferson.

O período compreendido entre a segunda metade do século XIX e os anos 2000 é caracterizado por Burke como a “era da territorialidade”. O avanço do conhecimento sistematizado trouxe a tendência à especialização, que, por definição, “reduzia a quantidade de informações que precisavam ser dominadas” (p. 204). Isso acabou por confluir para que, no limite, o *campus* da universidade se tornasse “uma espécie de arquipélago, com muitas ilhas de conhecimento, separadas umas das outras pelas paredes dos ‘departamentos’, como eram chamados na Grã-Bretanha, ou ‘institutos’, como eram conhecidos na Alemanha e em outros lugares” (p. 210). A especialização, nessa época, foi um dado que tendencialmente provocou a fragmentação do conhecimento. Hoje vivemos parcialmente um movimento contrário, que, por sua vez, convive com a tendência anterior à qual pretendia se contrapor: há a mera coexis-

tência entre disciplinas e há também interdisciplinaridade – diz Peter Burke (p. 358).

Também para os séculos XIX e XX, Peter Burke mobiliza um conjunto significativo de polímatas – homens e mulheres – que teriam sobrevivido a essa camisa de força da especialização: Norbert Elias, Michel Foucault, Susan Sontag, só para citar alguns. Depois o historiador busca problematizar a caracterização coletiva e, sobretudo, a dimensão individual do polímata. O que impele o indivíduo para a polimatia? O livro mostra alguns dos traços típicos desse sujeito: curiosidade, boa memória, criatividade, concentração, rapidez de raciocínio, imaginação, inquietação e fôlego de trabalho... O livro trabalha também como seria a formação ou os estilos de formação pelos quais passaram os polímatas. Burke conclui sua análise mostrando como o mundo digital, o cenário presenciado pela World Wide Web, contribui ou não para a formação de novos polímatas. Dialogando com a neurociência, Peter Burke – ele próprio talvez um dos últimos polímatas – conclui dizendo que a abundância de mensagens das novas mídias digitais tem modificado o acesso e o processamento intelectual do conhecimento.

A grande questão colocada por este livro é exatamente essa. A história é – como não poderia deixar de ser – contada a partir de uma questão do presente. Como sobre-

viveriam, na realidade atual, os polímatas em uma era em que a busca no Google parece dar conta de acessar todo o universo de informação existente? Faz ainda sentido pensarmos na formação do polímata? Seria possível projetarmos uma polimatia coletiva, capaz de agregar o saber de modo a construir o conhecimento novo mediante o recurso ao entrelaçamento de áreas e à interface das disciplinas? O cenário da pandemia que assola o planeta certamente contribui para configurar novas constelações de acesso ao conhecimento. É preciso, antes de tudo, verificar como pensa e o que pensa essa juventude que hoje aprende diante das telas dos computadores. Interrogar o repertório desses jovens significa indagar por onde eles aprendem e quais são as clivagens mediante as quais eles apreendem a construção social da realidade. Essa seria a incumbência do educador que leu o livro de Peter Burke. A dimensão pedagógica da obra está exatamente em sua habilidade de recortar e trançar conceitos e objetos, disciplinas e saberes. Nas franjas do que essa história nos conta, há certamente uma lição sobre como se dará – no diálogo entre passado e futuro – o caminho para o conhecimento transdisciplinar. Por tudo isso, convido o leitor a essa leitura, que proporciona, a um só tempo, aprendizado e fruição.